

## O discurso hiperbólico no processo de construção da violência no jornal

Adrielle Pereira de Souza Resende  
Márcio Rogério de Oliveira Cano

112

**Resumo:** O presente trabalho se insere nos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos (GPLPD-UFLA), cujo objetivo é analisar o discurso hiperbólico no processo de construção da violência no discurso jornalístico e apresentar a hipérbole como processo de leitura na construção dos efeitos de sentido na relação discurso da violência e discurso jornalístico. Para o desenvolvimento da nossa pesquisa escolhemos como corpus notícias de dois jornais de Minas Gerais com grande demanda: *Estado de Minas* e *Super Notícias*. Assim, aplicaremos a categoria de hipérbole, deslocando seu conceito da língua para o discurso, como forma de evidenciar a notícia e estabelecer a possibilidade de um exagero. Dessa forma, a hipérbole é um recurso que intensifica o fato noticioso, que faz com que já não estejamos mais no âmbito da violência como ato, mas como discurso sobre o acontecimento, o que caracteriza estados de violência. A hipérbole intensifica a quebra de estereótipos, a noção de quantidade, a ficção aterrorizante, entre outros. Portanto, esse recurso é uma estratégia de envolvimento de trazer o coenunciador para o posicionamento do enunciador por meio da exploração do sensacionalismo.

**Palavras-chave:** Discurso jornalístico. Hipérbole. Violência.

### The hyperbolic discourse in the process of construction of violence in the newspaper

**Abstract:** The present work is part of the studies developed in the Reading and Speech Production Research Group (GPLPD-UFLA) in which its objective is to analyze the hyperbolic discourse in the process of violence construction in journalistic discourse and to present hyperbole as a reading process in the construction of the effects of meaning in the discourse of violence and journalistic discourse. For the development of our research we chose as corpus news from two newspapers of Minas Gerais with great demand: *Estado de Minas* and *Super Notícias*. Thus, we apply the category of hyperbole, shifting its concept from language to discourse, and interdiscourse as a way to highlight the news and establish the possibility of an exaggeration in the discourse. In this way, hyperbole is a resource that intensifies the fact that news is no longer in the scope of violence as an act, but as a discourse about the event, which characterizes states of violence. The hyperbole intensifies the breakdown of the stereotype, the notion of quantity, terrifying fiction, among others. Therefore, this resource is an efficient strategy of involvement by bringing the co-enunciator into the positioning of the enunciator by exploiting sensationalism.

**Keywords:** Newspaper speech. Hyperbole. Violence.

### 1 Considerações Iniciais

Essa pesquisa surgiu de duas questões, a primeira relativa a um trabalho com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência



(PIBID) e a outra, nos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos (GPLPD-UFLA). O trabalho no PIBID foi desenvolvido na escola municipal de Lavras “Professor José Luiz de Mesquita”, com turmas dos anos finais do ensino fundamental, em que optamos trabalhar com as figuras de linguagem presentes em letras de música por acreditarmos que contribuiriam para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica, o que nos instigou a pensar sobre a hipérbole, figura que sempre aparecia. No segundo momento, no Grupo de Pesquisa, fizemos diversas discussões a partir do referencial da análise do discurso, e analisamos algumas possibilidades que nos levou a ver que ali havia um espaço de pesquisa. Essas experiências nos fizeram questionar se as figuras de linguagem, mais especificamente, a hipérbole, se caracteriza apenas pela palavra que exagera ou há possibilidade de haver um discurso, com vários elementos específicos, exagerado.

Para os nossos estudos, partimos do referencial da Análise do Discurso que hoje possui um espaço relevante nos estudos da linguagem. Nessa dimensão, entendemos que toda forma de discurso é produzir sentidos a partir de um lugar social. A análise do discurso a que nos filiamos tem como ponto de partido o primado do interdiscurso, que é a ligação e referência a esses vários lugares determinados pelo discurso.

Em função disso, entendemos que o discurso jornalístico é prática social de grande apelo mercadológico e ideológico e a informação é vendida e trabalhada de tal forma, que cria a necessidade de mais informação<sup>1</sup>. E assim, o jornal, de modo geral, atribui aos fatos noticiados o sensacionalismo, na intenção de prender atenção do leitor, seja aqueles jornais considerados ou não de primeira linha. O sensacionalismo causa, muitas vezes, um efeito de violência pelo discurso, o que se constitui como um estado de violência e não um ato (MICHAUD, 1989).

---

1 Informação aqui segue uma definição com dois aspectos essenciais. O primeiro diz respeito ao seu esvaziamento como produto, ou seja, informação não é sustentada por um conhecimento. Estar informado não é conhecer as coisas do mundo. Isso se liga a um segundo aspecto, como produto, ela é consumível. Logo, para ser consumida precisa ser produzida de acordo com o desejo do público ou mesmo tempo em que incentiva esse desejo por mais e mais informações.



Por isso, pensar os mecanismos de envolvimento existentes no meio jornalístico foi o ponto de partida para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Em tais mecanismos encontramos também as figuras retóricas e as figuras de linguagem que são usadas cotidianamente na comunicação verbal e visual. Essas figuras são capazes de persuadir pela estética e pela argumentação e assim envolver os leitores. No nosso caso, a hipérbole é uma figura muito utilizada no discurso jornalístico, seja ele popular ou mais formal. Assim, a hipérbole vem se representando como forma de evidenciar a notícia sobre a violência, apontando para a possibilidade de um exagero no discurso, enfatizado pelo sensacionalismo.

Diante da necessidade de venda das informações pelos jornais, podemos perceber esse uso da hipérbole na construção de um enunciado, e em função de contribuir com os estudos, em nossa pesquisa, iremos deslocar o conceito de hipérbole como palavra que exagera para um dispositivo discursivo que, com vários elementos discursivos, constrói o exagero. Dessa forma, o exagero da hipérbole, a fim de realçar uma ideia, pode exagerar ou diminuir demais, causando assim um efeito violento. De acordo com (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 262), a hipérbole:

Pode aumentar ou diminuir por excesso, e as representa bem acima ou bem abaixo daquilo que são, não com finalidade de enganar, mas de levar à própria verdade, e de fixar, pelo que é dito de inacreditável, aquilo que é preciso realmente crer.

Essa pesquisa analisará a violência no jornal, causada por esse excesso citado acima e até que ponto isso pode causar a adesão do coenunciador ao posicionamento do enunciador. Esse trabalho também evidencia a hipérbole no processo de leitura na construção dos efeitos de sentido na relação entre discurso da violência e discurso jornalístico.

Portanto, selecionamos algumas notícias dos jornais Estado de Minas e Super Notícias, que possuem características hiperbólicas, a fim de analisar a hipérbole como discurso e não só como palavra. No decorrer do artigo, primeiro trataremos do referencial teórico para depois aplicarmos as categorias de análise e por fim apresentarmos os resultados.



## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 Análise do discurso

A Análise do Discurso<sup>2</sup> surgiu na década de 1960 e hoje ocupa um grande e significativo espaço nos estudos da linguagem. Estudos de Van Dijk (1985) apud Maingueneau (2007) apontam que a AD se configura a partir da retórica antiga, em que mantém uma continuidade dos estudos do discurso. Contudo, a AD prioriza não só a teoria como também a prática, focalizando suas análises no sujeito enunciador/coenunciador, possibilitando ampliação teórica. Segundo Maingueneau (2007, p. 16):

[...] a análise do discurso não veio simplesmente preencher um vazio na linguística do sistema, como se a Saussure tivéssemos adicionado Bakhtin, ou ainda como se a uma linguística da «língua» acrescentássemos uma linguística da «fala». É verdade que ela mantém um elo privilegiado com as ciências da linguagem, domínio ao qual pertence [...], todavia, seu desenvolvimento implica não apenas uma extensão da linguística, mas também uma reconfiguração do conjunto dos saberes.

Dessa forma, Brandão (2012) atesta que a AD se referencia a Saussure pela sua dicotomia entre a língua e fala, mas os estudiosos não demoraram a perceber limites nos estudos linguísticos. E Bakhtin (VOLOSHINOV, 1929 apud BRANDÃO, 2012) logo apresentou uma linguística moderna, em que coloca a língua como fato social e abstrato, estimando a fala. Por conseguinte, os formalistas russos foram os primeiros, que estavam no interior dos estudos linguísticos, a iniciarem um pensamento sobre uma nova perspectiva de estudo, analisando textos de uma forma *transfrástica*.

Os estudiosos começaram a compreender a linguagem não mais apenas como língua, como sistema homogêneo, mas em outro âmbito, externo da dicotomia saussuriana, em que se constitui discurso. Temos que compreender que discurso não é o mesmo que texto, mas sim conduzido por textos. De acordo com Charaudeau (2011, p. 6):

O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e

---

<sup>2</sup> Doravante AD.



dos locutores que os produzem e o interpretam. Um mesmo texto é então portador de diversos discursos e um mesmo discurso pode impregnar textos diferentes. Há discurso atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes.

Ainda assim, podemos encontrar várias definições de discurso em diferentes campos. Vejamos como Maingueneau (2015, p. 23) emprega o discurso de duas maneiras:

- Como substantivo não contável ("isto deriva do discurso", "o discurso estrutura nossas crenças"...); - Como substantivo contável que pode referir acontecimentos de fala ("cada discurso é particular", "os discursos se inscrevem em contextos"... ) ou conjuntos textuais mais ou menos vastos ("os discursos que atravessam uma sociedade", "os discursos da publicidade"...).

Brandão (2006) define o discurso como toda comunicação entre interlocutores e na produção de sentidos na interação entre falantes. Dessa forma, todo discurso é produtor de sentido e expressa posições de seus sujeitos, sejam elas sociais, culturais ou ideológicas. Esses sentidos nem sempre são explícitos, deixando para que o interlocutor busque entender os sentidos implícitos no discurso. E isso é muito presente no discurso jornalístico, onde foi retirado o *corpus* de nossa pesquisa.

## 2.2 O interdiscurso

A nossa abordagem vem dos estudos de Maingueneau, que parte do primado do interdiscurso e defende-se que a AD tem este como objeto de estudo. Dessa forma, seu objetivo é desempenhar uma análise do "lugar social dos coenunciadores por meio dos dispositivos de enunciação" (CANO, 2012, p.10). Assim, o discurso é mais do que a língua e a comunicação verbal, ele só irá ter sentido no âmbito de outros discursos, dentro do interdiscurso. E "o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de troca de vários discursos convenientemente escolhidos" (MAINGUENEAU, 2007, p. 21). Ou seja, os discursos não se formam sozinhos, eles sempre reportam a outros discursos. Brandão (2006, p. 89) afirma:



O interdiscurso passa a ser o espaço de regularidade pertinente, do qual os diversos discursos não seriam senão componentes. Esses discursos teriam a sua identidade estruturada a partir da relação interdiscursiva e não independentemente uns dos outros para depois serem colocados em relação.

Dessa maneira, para esclarecer essa afirmação sobre o *interdiscurso*, Maingueneau distingue três áreas para a construção de uma análise: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Entendemos por universo discursivo como um conjunto total de discursos presentes no mundo. O campo discursivo é aquele em que os discursos circulam. Por último, o espaço discursivo são os enunciados que são relacionados pelo analista em função dos seus objetivos.

O universo discursivo se caracteriza como "o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada" (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). Esse universo se define como uma máxima dimensão dos discursos e é de pouca valia para o analista por conta de sua extensão.

Em campo discursivo, entendemos como "um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo" (MAINGUENEAU, 2008, p. 34). É no campo discursivo que circulam os *gêneros do discurso* em que determinam um lugar social, a partir de papéis sociais. Em vista disso, que denominamos um discurso como campo do discurso jornalístico, do discurso político, do discurso religioso. Ainda assim, o campo discursivo é bem amplo, e o analista é incapaz de analisar em sua completude, sendo necessário construir um espaço discursivo.

Por espaço discursivo podemos compreender como "subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação" (MAINGUENEAU, 2008, p. 35). Assim, o espaço discursivo é composto de enunciados selecionados pelo analista a partir dos objetivos de sua pesquisa. Ao proceder a constituição do *corpus* por essa tripartição, o analista garante a apreensão do interdiscurso. Como no nosso caso, partimos do pressuposto de que vivemos em um universo discursivo e dele



selecionamos o campo discursivo jornalístico para constituir um corpus relacionado a partir do espaço discursivo da violência. Por isso, vamos trazer noções e considerações sobre esses dois discursos relevantes em nosso estudo, jornalístico e da violência.

### 2.3 Discurso jornalístico

O discurso jornalístico, de acordo com Cano (2012), possui uma prática social dentro de uma logicidade de mercado, em que procede a informação e o saber como produtos a serem consumidos pelos leitores, da mesma maneira que se compra qualquer produto no comércio, uma vez que o seu poder de venda se estabelecerá com a competência e permanência no mercado editorial. Por conseguinte, notícia e informação são distintas. A notícia não tem como função transmitir informação, mas transformá-la em fato noticioso, isto é, o que se vende não é o jornal, mas o seu potencial noticioso. Segundo Marcondes Filho (1989, p. 13):

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que adapta as normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica.

O consumidor possui a necessidade de ficar atualizado e informado, assim, para satisfazer seu desejo de informação, o leitor compra um jornal na intenção de se tornar ativo na sociedade como alguém atualizado sobre o que acontece. Dessa forma, cria-se o valor de uso do jornal, mas o jornalista o faz limitado, para que assim o leitor busque novas informações posteriormente.

De acordo com Dias (2003), o jornal popular caracteriza-se por ser próxima da modalidade oral, aproximando a sua leitura do modo de conversa cotidiana. Porém, apesar de várias marcas da oralidade, não quer dizer que seja uma transcrição da fala, ou que o jornal seja menos elaborado do que qualquer outro jornal menos popular. Assim "a força expressiva da língua





falada, com suas possibilidades de comunicação imediata, potencializa, no jornalismo popular, o registro sensacionalista dos fatos" (DIAS, 2003, p. 97).

O sensacionalismo atribui aos jornais fatos escandalosos com o intuito de chocar o leitor pelo seu ineditismo e vulgaridade. Dessa forma, concedendo muitas vezes um estado de violência.

#### 2.4 Discurso da violência

Quando pensamos em violência, logo imaginamos uma agressão física. Mas o conceito de violência é muito relativo. Vejamos o que Odalia (1991, p. 22) diz a respeito disso:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possuam uma estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida.

Dessa forma, Michaud (1989) distingue a violência em *atos de violência* e *estados de violência*. Assim, os *atos de violência*, são fáceis de serem vistos e sentidos, são agressões físicas em que vemos marcas no corpo, sangue, sentimos a dor e pode ocorrer até a morte. Já os *estados de violência*, são agressões morais, constrangimento e que também pode levar a morte, mas pela fome, pobreza, falta de cuidados.

No discurso jornalístico, por exemplo, são encontrados atos e estados de violência e isso chama muita atenção dos leitores, apesar da violência ter se tornado parte do cotidiano das pessoas, nem todas elas já sofreram agressões. De acordo com Michaud (1989, p. 49),

Como revelam as pesquisas, poucas pessoas que afirmam sentir um aumento da insegurança foram elas próprias agredidas ou espancadas, mas ouviram falar de tal caso ou do que aconteceu em tal lugar. O que conta não é a realidade vivida, mas o que ficamos sabendo e o que a mídia deixa ver.

A partir disso, percebemos o quanto é forte o discurso jornalístico e o quanto ele pode ser violento ao expressar de forma negativa os estereótipos de gênero, cor e classe. Esses estados de violência nem sempre vão estar explícitos e cabe ao analista do discurso a interpretar em diversos contextos. A





noção de estados de violência nos possibilita entender que, apesar do acontecimento ter traços de atos de violência, como veremos mais adiante, a narrativa recoloca esse acontecimento em outra dimensão discursivo marcada pelo sensacionalismo. As estratégias linguístico-discursivas são recursos para que se possa ampliar tal narrativa, o que evidencia a violência não só no acontecimento, mas no dizer sobre ele, portanto violência discursiva, ou seja, estado de violência. De tais estratégias, isolamos a hipérbole como uma das possibilidades de construção desse efeito de sentido.

### *2.5 Figuras de linguagem ou de retórica*

Como nosso trabalho foca a questão da hipérbole, precisamos, primeiramente, retomar o conceito de estilística, que se deriva da palavra *estilo*, e que se aplica a algo que possui características particulares. Ou seja, a estilística analisa a transformação da língua para atribuir às palavras e frases sentidos emotivos e estéticos.

Como estilo, as figuras de linguagem são utilizadas para transformar um escrito em um texto belo, já as figuras de Retórica são vistas como recursos de argumentação. Segundo Reboul (2004), é o modo de persuadir pelo discurso e o seu objetivo é convencer alguém a crer em algo, sem necessariamente convencer a fazer alguma coisa. Dessa forma, Reboul (2004, p. 113) afirma que "A expressão 'figuras de retórica' não é pleonasma, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas ou simplesmente de palavras. A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo".

Assim sendo, Pinheiro (2013) atesta que as palavras passaram a receber significados próprios e figurados ao passar dos anos. De acordo com a diversidade cultural e o uso contínuo das palavras, expandiu-se a quantidade de variações na correlação entre significado e o significante.

Portanto, a hipérbole pode ter sentido tanto estilístico quanto retórico, pois ela marca, por exemplo, o estilo do jornal sendo mais ou menos hiperbólico que o outro. Ao mesmo tempo envolve o leitor com seu posicionamento, obtendo um efeito argumentativo, marcando também a retórica. Em função de pensar o aspecto sensacionalismo da violência como



forma de atrair e envolver a atenção do leitor, o efeito estilístico também é retórico.

### 2.5.1 Hipérbole

O trabalho focaliza a hipérbole que é vista como figura retórica que são usadas cotidianamente na comunicação verbal e visual. Essas figuras são capazes de persuadir e atrair o interlocutor, podendo abolir o sentido literal e esperado. Desse modo, a hipérbole é uma figura bastante usada no discurso jornalístico e seu entendimento é de suma importância para a compreensão do enunciado. Assim, especificamente em nosso caso, a hipérbole vem se representado como forma de evidenciar a notícia sobre a violência, apontando para a possibilidade de um exagero no discurso, tornando o efeito mais violento do que realmente é.

O uso das figuras intensifica a persuasão do texto, atraindo a atenção do leitor. Vejamos como Perelman; Olbrechts-Tyteca (2000, p. 331 apud PINHEIRO, 2013) definem essa figura:

Sua função é fornecer uma referência que, numa dada direção, atrai o espírito, para depois obrigá-lo a retroceder um pouco, ao limite extremo do que lhe parece compatível com a sua ideia do humano, do possível, do verossímil, com tudo o que ele admite de outro ponto de vista.

A figura retórica hipérbole argumenta utilizando o exagero. Desse modo, Charaudeau; Maingueneau (2008) afirmam que a hipérbole, apesar de exagerar alguma coisa, sua intenção não é de enganar, mas de fixar alguma ideia sobre algo que seja verdadeiro.

A hipérbole se caracteriza tanto na retórica quanto na estilística pelo exagero encontrado em uma palavra e em nossa pesquisa, estamos pensando isso na dimensão do discurso, não só na palavra, mas um discurso que possuiu elementos que o exageram. Portanto, em nosso trabalho, a proposta é deslocar o conceito de hipérbole que recai sobre o linguístico e o textual para o discurso. Assim, ela será vista como um dispositivo discursivo que lança o dito a uma dimensão do exagero aprendida no discurso e não no texto.

### 3 Metodologia de pesquisa

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa escolhemos como *corpus* “notícias” de dois jornais impressos de Minas Gerais de grande circulação segundo a ANJ (Associação Nacional dos Jornais)<sup>3</sup>. São eles, o Estado de Minas e Super Notícias.

Essa seleção se deu em função de querermos abranger jornais considerados de primeira linha e jornais populares. Assim, o primeiro representa um estilo de construção voltado para um público considerado mais classe média e alta e o outro para um público mais popular. E com isso, encontramos diferentes tipos de discursos hiperbólicos.

Acompanhamos semanalmente os jornais impressos nos meses de Junho e Julho de 2016. Selecionamos cinco notícias de cada jornal em que encontramos um discurso marcado pelo exagero. Destes, analisamos duas notícias do Estado de Minas e duas notícias do Super Notícia.

Para levantamento dos dados, aplicamos a categoria de hipérbole e interdiscurso como forma de evidenciar na notícia os efeitos de um exagero no discurso.

#### 3.1 Os jornais

Escolhemos o jornal Estado de Minas<sup>4</sup>, o terceiro jornal mais vendido no estado segundo uma pesquisa feita pela ANJ em 2015. Esse jornal foi fundado em 7 de março de 1928 e hoje é um dos maiores e mais importantes jornais, não só de Minas Gerais, como do Brasil também. O EM começou a circular quando os acadêmicos Pedro Aleixo, Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa compraram o acervo do Diário da Manhã. Em seguida, eles se uniram ao Milton Campos e ao Abílio Machado e criaram uma sociedade. Em 1929, Assis Chateaubriand associa o recente jornal EM aos Diários Associados, a quem pertence até os dias atuais. O jornal teve envolvimento com grandes escritores e em seus primeiros anos, o poeta Newton Braga e seu irmão cronista Rubem Braga fizeram parte da redação do jornal.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.

<sup>4</sup> Doravante EM. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado\\_de\\_Minhas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_de_Minhas)>.



O EM possui diariamente os cadernos de política, opinião, nacional, internacional, economia, gerais e cultura. As manchetes são marcadas por uma linguagem clara e objetiva, em que são elaboradas com muitos detalhes. Voltado para um público mais erudito, a maioria de seus leitores, de acordo com uma pesquisa efetuada pelo site “Diários Associados”<sup>5</sup>, possuem graduação e pós-graduação ou pretendem estudar algum curso superior, bem como ocupam cargos maiores no mercado de trabalho. A renda familiar é mais alta, fazem investimentos e viagens para o exterior. Além de possuir um nível cultural bem mais expandido.

O Super Notícia<sup>6</sup>, de acordo com a última pesquisa da ANJ<sup>7</sup>, é o jornal com maior circulação no Brasil. Fundado em 10 de junho de 2002 em Belo Horizonte, quatro anos depois já ocupava o lugar de sétimo jornal mais vendido do Brasil, com média de 174 mil exemplares. O SN é editado pela Sempre Editora e pertence ao Grupo SADA.

Diferente do jornal EM o SN possui uma temática popular, com uma linha editorial dedicada as classes C e D, classes que possuem um poder aquisitivo menor e poucos bens. Seus leitores que, segundo a mesma pesquisa, possuem um nível de escolaridade baixo, poucos frequentam lugares culturais e fazem viagens internacionais. Dessa forma, os assuntos mais expostos são esportes, principalmente o futebol, pois envolve bastante o trabalhador, serviços à comunidade, mundo das celebridades e noticiários de polícia e cidades.

#### 4 Análise

Os discursos que selecionamos do jornal Estado de Minas tratam de notícias polêmicas e discutidas no Brasil todo. A primeira notícia é sobre a tragédia em Mariana, uma catástrofe que foi comentada em todo o Brasil e se expandiu para vários lugares do mundo. A segunda notícia aborda a temática da homofobia e violência contra a mulher, assuntos bastante comentados nas redes sociais e em vários outros locais. A escolha se deu especialmente pelo

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co\\_veiculo=29](http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=29)>.

<sup>6</sup> Doravante SN. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Super\\_Not%C3%ADcia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Not%C3%ADcia)>.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.



recurso do uso da tarja preta e da estratégia gráfica para representar a notícia que enfatizou a violência.

Os discursos selecionados do jornal Super Notícia já tratam de notícias inusitadas e ao mesmo tempo cotidianas. A primeira trata de um traficante preso, cuja chefe era a própria mãe. A questão do tráfico pode ser vista em vários jornais na televisão, principalmente em programas jornalísticos policiais. O que deixa o fato inusitado é a mãe ser a “culpada”, quebrando o estereótipo de mãe, da maternidade e da proteção. A outra notícia trata de mais um fato também comum, um assalto a uma agência bancária. Para cometer esses assaltos, os bandidos “fecharam” a cidade, tornando o fato incomum.

Em todos os casos os discursos selecionados mostram esse efeito da violência posta pelo exagero e hiperbolização em que veremos a seguir. Apresentamos, na sequência, os discursos recortados do EM:

Figura 1 – Discurso 01.



Fonte: Estado de Minas, 16 de junho de 2016.





Figura 2 – Discurso 02.



Fonte: Estado de Minas, 2 de julho de 2016.

A primeira notícia é sobre a tragédia em Mariana que aconteceu em novembro de 2015. A notícia é sobre um acordo que a Samarco propôs mais de um semestre após o maior desastre socioambiental do país. Esse acordo é para afastar o risco de colapso de outra usina conhecida como Condonga, retirando mais de 10 milhões de metros cúbicos de material que ainda estão no reservatório, no município de Santa Cruz do Escalvado, na Zona da Mata.

A lama que atingiu a usina trouxe diversos prejuízos para os moradores da cidade e turistas. O Rio Doce foi atingido, deixando a água escura fazendo com que muitos animais morressem, moradores perdessem casas e empregos.

A segunda notícia é uma manchete que traz a agressão que Luiza Brunet sofreu pelo marido, que se constituiu em um fato muito comentado nacionalmente. O jornal, na intenção de chamar a atenção para outro tipo de

violência, a homofobia, retratou também o caso do André Felipe, professor que foi morto por ser gay.

Luiza Brunet, empresária, atriz e ex-modelo de 54 anos, fez muito sucesso na década de 80 com sua carreira de modelo e vários ensaios nus. A ex-modelo famosa foi espancada pelo seu ex-companheiro de 62 anos, um dos 600 homens mais ricos do mundo. Luiza denunciou que a agressão ocorreu em Nova York, durante uma discussão, e relatou ter recebido um soco no olho, chutes e que fraturou costelas. Este é só mais um caso entre milhares de outros casos que atingem as mulheres. De acordo com os dados expostos na reportagem, foram registradas 76.651 ocorrências de violência contra a mulher em 2015 e em 72% dos casos os agressores eram homens que possuíam algum tipo de relacionamento com as vítimas.

O professor substituto e pesquisador da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) André Felipe Vieira Colares, de 24 anos, foi morto brutalmente segundo o jornal, em Montes Claros – MG. André, que era homossexual, foi assassinado em uma festa de formandos da Unimontes. Seu corpo foi encontrado no banheiro da festa, com um corte profundo no pescoço e os olhos furados. Um adolescente, após ser apreendido, confessou o crime e alegou que o motivo foi uma desavença após um relacionamento sexual. Segunda a reportagem, casos assim estão cada vez mais frequente, apenas no primeiro semestre de 2016 cerca de 150 homossexuais foram assassinados no Brasil. A média entre 2008 e 2015 é de 275 assassinatos por ano.

Podemos perceber na primeira notícia um discurso hiperbólico proporcionado pelo recurso da faixa preta logo acima do subtítulo que está escrito “TRAGÉDIA EM MINAS”, a fonte da letra borrada, a palavra “tragédia” em vermelho, o fundo preto, nos remete a filmes e programas de terror, o que nos faz pensar o quanto foi intenso esse desastre. E também, na segunda notícia, percebemos a mesma fonte, o mesmo fundo preto, porém sem palavras em vermelho, mas com a fonte maior, escrito “VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA” em que reporta ao suspense e ação.

Esse recurso é muito comum em filmes e séries de ação, policial, terror, suspense, que tratam de violência, como nos casos abaixo. Vemos que nos





dois casos, esse recurso serve para iniciar uma narrativa em que o sujeito sabe que entrará em um cenário de violência. No cinema quando isso acontece, o envolvimento e o apelo pelos traços de violência são evidentes porque eles se transformam em entretenimento, atendendo ao sensacionalismo e ao desejo dos leitores de verem essas coisas. Da mesma forma que nos filmes, o jornal utiliza esse recurso e coloca aquele fato numa dimensão que faz com que o leitor recupere na memória esses tipos de narrativa, como se aquilo que fosse falado na sequência, entrasse em uma narrativa mais violenta pelo processo interdiscursivo que se propõe com o discurso cinematográfico. Vejamos algumas capas de filmes que possuem esse recurso de letra:

Figura 3 – Capa 01.



Fonte: Disponível em: <<http://capassuspense.blogspot.com.br/2011/06/cacados.html>>.

Figura 4 – Capa 02



Fonte: Disponível em: <<https://capadedvd.wordpress.com/2009/11/17/rota-comando/>>.

Podemos notar a presença do sensacionalismo, pois se utilizam esses recursos na intenção de chocar o leitor. Além de trazer um efeito exagerado que nos faz concluir que há um processo de hiperbolização, visto que o discurso é intensificado através desses recursos.

Aqui, a hipérbole acontece como um dispositivo que liga a narrativa de violência cinematográfica aos casos noticiados pelo jornal, colocando-os em uma dimensão de violência maior. Esse dispositivo é acionado pelo recurso gráfico e pelas palavras nas quais são aplicadas, constituindo o efeito de sentido exagerado e mais violento.

Na segunda notícia, além desse recurso, podemos perceber outras estratégias que compõe um discurso hiperbólico que também cria um efeito de violência discursiva. Por isso no discurso 02 se tem uma associação com a pessoa comum André Felipe e com uma pessoa famosa Luiza Brunet, em que a partir da expressão “não é só” entendemos que não é só com eles, qualquer um pode ser vítima dessas violências. Quando coloca em primeiro lugar um sujeito que é não famoso e no segundo lugar a famosa, significa que o processo de narrativa que ele está tentando construir é que também pode ser com você, o leitor. Ao recorrer à expressão “não é só”, coloca o leitor dentro da cena como sujeito passivo da violência extremada. Ao entrar na cena, a narrativa é reforçada pelas escolhas lexicais e o nível de detalhamento. No caso do André Felipe, a escolha das palavras “morte brutal”, “massacre”,



“crueldade”, os números altos presentes na notícia, vai dando sustentação a um exagero e uma violência que está além do acontecimento, que já entra na dimensão de um discurso violento exagerado, portanto hiperbólico.

Além de comporem primeiras páginas, há muitas estratégias apelativas, como os grandes números dos dados estatísticos e os detalhes das agressões na segunda notícia, em que fazem com que nós leitores nos choquemos diante desses Super Notícia.

Figura 5 – Discurso 03.



Fonte: Super Notícia, 3 de junho de 2016.



Figura 6.1 – Discurso 03.



Fonte: Super Notícia, 3 de junho de 2016.

Figura 7 – Discurso 04.



Fonte: Super Notícia, 6 de julho de 2016.



Figura 8.1 – Discurso 04.

**SUPER NOTÍCIA** QUARTA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 2016 **CIDADES 3**

**NOTÍCIA DO DIA**

# LADRÕES DE BANCO FECHAM CIDADE

**● Criminosos incendiaram veículos, interditaram as entradas de acesso a Antônio Dias, mas não conseguiram fugir com o dinheiro**

**BRUNO INÁCIO**  
**ISABELA MERRELES**  
*Reportagem para o Super Notícia*

Segundo a Polícia Militar (PM), por volta das 4h, quatro homens que estavam em um veículo Corolla e em um Nissan, ambos de cor preta, atacaram um caminhão carregado com mudas de plantas. Eles fizeram o caminhoneiro e um carregador reféns e atearam fogo no veículo, próximo ao KM 289 da BR-381, bloqueando a entrada da cidade.

Em seguida, o grupo se dirigiu para uma agência do Banco Itaú, no centro da cidade. O objetivo, provavelmente, era levar todo o dinheiro da agência. Porém, ao usar um maçarico para arrancar o cofre central, o sistema de vigilância foi acionado e o grupo foi envolto por uma espessa nuvem de fumaça, que dificultou a visão, e eles fugiram levando apenas um malote com documentos do banco.

Accionada, a PM só conseguiu chegar à agência cerca de duas horas depois do crime, quando os criminosos já haviam fugido. Isso porque, segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), após perceber que o caminhão estava bloqueando a pista, os policiais tentaram chegar ao local do crime pelo distrito de Hematita, a 23 km de distância.

Lá, porém, ficaram presos pois, antes de fugir, os suspeitos incendiaram três carros de passeio. A polícia ficou cercada por dois lados, enquanto os bandidos fugiam. Até o fechamento desta edição, ninguém havia sido localizado. As imagens das câmeras de segurança serão usadas na busca dos bandidos.

**Procura-se**  
Como a cidade é pequena e conta com apenas uma equipe policial, a Patrulha Rural de Coronel Fabriciano, na mesma região, está auxiliando nas buscas pelos quatro suspeitos.

**Roubo**  
Os veículos queimados eram produtos de roubos. Segundo a PM, os dois ocupantes do caminhão, que carregava mudas de planta, foram deixados no centro da cidade. Os carros de passeio estavam com o bando há mais tempo.

**Rodovia ficou fechada**  
Enquanto a polícia ficou cercada pelos dois bloqueios da na pista, os bandidos fugiram por estradas vicinais, comuns na região e cheias de bifurcações. A BR-381 ficou interditada nos dois sentidos, na região.

A PM informou que o Corpo de Bombeiros de Coronel Fabriciano não conseguiu conter as chamas, e por isso uma equipe de Ipatinga teve de dar suporte. A pista foi liberada após os trabalhos de perícia, às 9h. Apesar do estrago causado no cofre central da agência, o atendimento ocorreu normalmente ontem.

A Polícia Civil investiga se os suspeitos possuem ligação com um bando preso recentemente, em Santana do Paraíso, suspeitos de roubos a bancos na região. **(BI)**

**Polícia chegou ao banco duas horas depois**




Fonte: Super Notícia, 6 de julho de 2016.

Nessa segunda etapa, trazemos as notícias selecionadas do Super Notícia, sendo a primeira o discurso 03 que traz o fato de um adolescente de 15 anos ser preso por tráfico de drogas e dizendo que apenas cumpriu ordens da mãe que, de acordo com a polícia, era a gerente do tráfico em bairro na



periferia da cidade. Isso aconteceu em Montes Claros – MG onde o menor também assumiu um homicídio.

O discurso 04 mostra o fato de ladrões interditarem a BR-381 com carros incendiados para roubar uma agência bancária, mas não conseguiram levar dinheiro, apenas documentos, pois ao tentar abrir o cofre, o sistema de vigilância foi acionado e, como a rodovia que dava acesso ao banco estava interditada, a polícia demorou cerca de duas horas para chegar ao local, pois tiveram que tentar outro caminho a 23 km de distância, mas os suspeitos também haviam interditado essa via, impedindo a passagem dos policiais, o que deu tempo suficiente para os bandidos fugirem.

Primeiramente, percebemos que o fato é inusitado, pois trabalha com dois estereótipos que se opõem. O estereótipo <sup>8</sup>de mãe na memória social acessa a mãe com uma procedência divina, que tem a ver com amor, como alguém que dá à luz, que protege, que cria e que cuida. E o outro estereótipo de chefe do tráfico que é alguém que coloca outras pessoas em risco, que está preocupado apenas com o dinheiro, que tem um envolvimento com os riscos das drogas que ele pretende vender, marcado por turbulência, brutalidade e violência. Esses dois estereótipos se chocam dentro da notícia e, por conta dessa oposição, cria um exagero e com isso localizamos uma hipérbole discursiva. No caso, a notícia é construída a partir dessa oposição, porém o polo negativo é tão intenso que, ao mesmo tempo, possibilita o envolvimento do leitor e lança o acontecimento a uma dimensão quase fictícia, explorada em muitos filmes que trazem mães assassinas, colocadas como mulheres más etc.

A linha fina da notícia, traz um trecho de uma fala do filho que diz: “Menor de 15 anos afirmou que só obedecia a ordens obedecia a ordens, ele também teria assumido um homicídio”. Aqui, mantém-se a oposição entre os estereótipos trazendo traços do filho, menor e obediente, que se coadunam com a ideia de uma boa mãe. No entanto, na sequência, há outra oração separada apenas por vírgula. A não utilização de qualquer conectivo impossibilita estabelecer uma relação lógica entre as orações, que será

---

<sup>8</sup> Tratamos aqui do estereótipo que repousa na doxa, na memória social, não de uma definição do sujeito mãe.





preenchida pela explosão da oposição apresentada, o homicídio foi uma ordem da mãe.

Na estrutura desse jornal, aparece o recurso, também, hiperbólico, do fundo vermelho que nos remete a alerta, chamando a atenção para o acontecido, além de ser capa do jornal e trazer várias outras informações. Percebemos que o destaque do vermelho sempre está naquela notícia que se explora a violência, tanto no discurso 03: “MENOR PRESO POR TRÁFICO COLOCA A CULPA NA MÃE”, como no discurso 04: “BANDO FECHA CIDADE PARA ROUBAR”.

Na segunda notícia, detectamos o discurso hiperbólico na construção também da narrativa. Os bandidos não fecham a cidade, mas apenas uma das rodovias de acesso. Esse exagero ao dizer que os ladrões fecharam a cidade pode despertar certa curiosidade nos leitores, para entender como eles fizeram isso, mas ao ler a notícia completa, vemos que apenas duas vias que dão acesso à cidade, e ao banco que foi assaltado, que foram interditadas.

Essas narrativas de polícia perseguindo ladrão também são comuns para esse tipo de notícia de entretenimento e hiperboliza a violência. Especialmente nesse discurso 04, logo no primeiro parágrafo, constrói-se a partir alguns traços estilísticos típicos de um romance policial ou de filme de ação em que a violência é colocada como forma de entreter o interlocutor. Vejamos no recorte,

Para tentar assaltar uma agência bancária em Antônio Dias, no Vale do Aço, um grupo de assaltantes bolou um roteiro digno de filmes de ação. O cenário, uma cidade pequena e pacata do interior. O plano: interditar uma pista de acesso à cidade, atendo fogo em um caminhão e, enquanto isso, levar embora o dinheiro do cofre da cidade.

O uso desses recursos, a escolha das palavras e expressões como “roteiro digno de filmes de ação, apresentar o cenário e especificar o cenário como “uma cidade pequena e pacata do interior”, que se assemelha a uma situação fictícia e também cria uma posição estereotipa entre um lugar violento e um lugar não violento que passa a ser violento, os traços do plano, tudo isso remete a uma dimensão cinematográfica.





Também percebemos a forma de expor exposição da notícia, além da escolha das cores preta e vermelha, o uso de fotos dos policiais na rua e o carro queimado ajuda a trazer essa cena da violência em que dá esse efeito hiperbólico no discurso.

## 5 Considerações finais

Concluimos que deslocando o conceito de hipérbole da língua para o discurso, há outra possibilidade de aplicação dessa categoria. Como vimos, a hipérbole está numa dimensão de uma figura de pensamento dentro da estilística e da retórica, mas nosso caminho foi mostrar como no discurso existe a utilização de certos recursos que fazem com que essa hipérbole não se manifeste a partir do texto para um pensamento específico, desata algo no discurso que amplia para o exagero, podendo ser um processo de interdiscursividade e de sensacionalismo.

Dessa forma, a hipérbole é um dispositivo que intensifica o fato noticioso, que faz com que já não estejamos mais no âmbito da violência como ato, mas como discurso sobre o acontecimento, o que caracteriza estados de violência. Estado de violência é quando a violência não está explícita, não é física, mas apelada pelas agressões morais e para a forma do dizer. O que percebemos com essa pesquisa, que por não tratar especificamente pelo acontecimento, torna os sujeitos mais violentos, a situação mais violenta e coloca o leitor dentro dessa cena de violência.

A hipérbole é intensificada por vários recursos, como as quebras de estereótipo em que se opõem estereótipos diferentes, onde não ocorreriam aqueles acontecimentos. A noção de quantidade é explorada, porque cada vez que se usa quantidade, intensifica ainda mais o teor dessa violência. A ficção aterradorante no processo interdiscursivo com filmes, entre outros.

Portanto, tudo isso constitui uma forma de envolvimento pelo sensacionalismo, em que se é caracterizado pelo apelo as emoções com intuito de chocar o leitor.

O trabalho nos mostrou um espaço importante de estudos que, embora ainda com uma carência, pois não há muito sobre a hipérbole, nos revelou que



outros estudos podem ser feitos a partir dele, ou também podem ser aprofundados com *corpora* constituídos de outros jornais e outras mídias.

## 6 Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil**. Brasília: ANJ. 2015. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

\_\_\_\_\_. Analisando o discurso. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). **Portal da Língua Portuguesa**. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CANO, M. R. de O. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. São Paulo: PUC, 2012.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. v. 10. Rio de Janeiro: **Revista Diadorin/UFRJ**, 2011.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. “Veículos”. 2017. Disponível em: <[http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co\\_veiculo=29](http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=29)>. Acesso em: 07 jan. 2017.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ESTADO DE MINAS. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estado\\_de\\_Minas&oldid=47939951](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estado_de_Minas&oldid=47939951)>. Acesso em: 6 jan. 2017.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **A análise do discurso e suas fronteiras**. v. 14. Rio de Janeiro: Matruga, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MICHAUD, Y. **A violência**. Tradução de Garcia. São Paulo: Ática, 1989.



ODALIA, N. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PLAYART. **Caçados**. 2007. Altura: 1600 pixels. Largura: 1075 pixels. 299 Kb. Formato JPEG. Capa de DVD. Disponível em: <<http://capassuspense.blogspot.com.br/2011/06/cacados.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REZNIK. **Rota comando**. 2009. Altura: 1600 pixels. Largura: 1073 pixels. 390 Kb. Formato JPEG. Capa de DVD. Disponível em: <<https://capadedvd.wordpress.com/2009/11/17/rota-comando/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SUPER NOTÍCIA. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Super\\_Not%C3%ADcia&oldid=47876987](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Super_Not%C3%ADcia&oldid=47876987)>. Acesso em: 03 jan. 2017.

### **Adrielle Pereira de Souza Resende**

adriellep\_souza@hotmail.com

Graduada no curso de Letras do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras

### **Márcio Rogério de Oliveira Cano**

marciocano@dch.ufla.br

Professor do curso de Letras do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras. Mestre e doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Recebido em: 23/04/2017

Aprovado em: 13/05/2017

